



## **A CONTRIBUIÇÃO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS PARA A APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: EVIDÊNCIAS EM ESTUDANTES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO.**

**GISELY JUSSYLA TONELLO MARTINS  
GABRIEL AUGUSTO DEL PUERTO MARTINEZ  
SÍLVIO SERAFIM DA LUZ FILHO  
MAURICIO FERNANDES PEREIRA**

### **RESUMO**

O conhecimento é construído a partir das múltiplas interações e conexões entre os indivíduos. Assim, na sociedade do conhecimento a educação passa a ser objeto de análise a partir da atuação em redes dos indivíduos, contextualizada em espaços comunitários de cooperação e colaboração. Neste sentido, é importante compreender como as redes sociais podem contribuir para a aprendizagem e a construção do conhecimento. Sendo assim, este artigo realizou uma investigação com alunos de graduação sobre a existência ou não de relação entre a participação em comunidades virtuais com a aprendizagem e a construção do conhecimento relativas aos conteúdos do curso. Os resultados alcançados demonstraram que para a maioria dos pesquisados, a participação em comunidades virtuais não contribui para o aprendizado. Entretanto, uma pequena parcela afirma que contribui, o que traz algumas evidências sobre a possibilidade de utilização desta ferramenta virtual de modo pró-ativo pelas instituições de ensino de modo a incrementar os níveis de aprendizado dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção do conhecimento; aprendizagem; redes sociais virtuais; comunidades virtuais.

## **1. INTRODUÇÃO**

O constante desenvolvimento das tecnologias e da internet como ferramenta interativa deram vida ao que se conhece hoje como redes sociais virtuais. Muito se tem escrito sobre o surgimento, crescimento e desenvolvimento das redes sociais virtuais, mas pouco se fala quanto à sua utilidade na construção do conhecimento ou aprendizagem dos indivíduos no processo educacional.

Atualmente, de modo geral, a percepção que se tem sobre as redes sociais é um tanto negativa, já que são apontadas, apenas, como meios de distração, onde os estudantes estariam perdendo horas do seu dia, que poderiam estar sendo aproveitadas para estudar e aprender, navegando em páginas virtuais que não agregam nenhum valor à construção do conhecimento.

Embora muitas instituições já estejam adotando o meio online como complemento às suas atividades tradicionais do ensino presencial, existe ainda uma grande distância quanto à internet como ferramenta auxiliadora da aprendizagem.

O que resulta evidente é que a internet trouxe uma quebra de paradigmas, que vão contra o que sempre foi tido como verdade em relação ao processo ensino-aprendizagem, até então caracterizado como linear, e que adaptações devem ser feitas a este modelo de ensino para poder contemplar esta nova e poderosa mídia, já adotada por estudantes de todas as classes sociais, desde o início da educação primária.

Neste sentido, este estudo tem o intuito de demonstrar como as redes sociais, e a internet como um todo, podem contribuir de maneira positiva para a construção do conhecimento, tentando evidenciar exemplos concretos que permitam conhecer este lado positivo, pouco discutido, em relação aos aspectos puramente negativos, até então valorizados.

## **2. DESENVOLVIMENTO TEÓRICO**

### **2.1. APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Aprendizagem, segundo Aurélio (2009), pode ser definida como um método que consiste em estabelecer conexões entre certos estímulos e determinadas respostas, cujo resultado é aumentar a adaptação do ser vivo ao seu ambiente. De acordo com Hayes e Stratton (2003, p.15) aprendizagem é “uma mudança relativamente duradoura no conhecimento, no comportamento ou na compreensão que resulta da experiência”.

Para Piaget (2002), as pessoas constituem seres dinâmicos, que estão em constante interação com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. Segundo o autor, esta interação com a realidade faz com que o indivíduo construa estruturas mentais e as faça funcionar, construindo a aprendizagem.

Segundo Carvalho (1999, p.19),

[...] a verdadeira aprendizagem só ocorre quando o aprendiz dominou inteiramente o assunto objeto do aprendizado, domínio esse traduzido na aquisição de novas atitudes e habilidades. Antes de aprender de fato, o indivíduo adquire idéias, conhecimentos e valores necessários à aprendizagem integral. Portanto, é preciso que se faça a necessária distinção entre aprendizagem e aquisição de conhecimentos. A primeira diz respeito à própria conduta do indivíduo, enquanto a última não tem outra finalidade senão a própria aquisição. A aprendizagem, então, só se completa na medida em que a posse de conhecimentos pela pessoa permita a mudança de comportamento [...].

Ainda para Carvalho (1999), o processo de aprendizagem tem sentido se servir para o alcance dos objetivos do ser humano. Além disso, este autor afirma que tudo que uma pessoa sabe foi adquirido por meio dos seus sentidos e pela associação entre eles.

Para Domingues (2007), o cérebro muda gradativamente a sua estrutura através da repetição do estímulo, o que constitui a memória ou o aprendizado. Isso está relacionado a vivências, experiências e estimulações ao longo da vida da pessoa, não existindo limite para o crescimento da aprendizagem nos seres humanos.

A evolução mental, segundo Piaget e Inhelder (apud AMARO, 2006), é resultado da maturação, experiência, interação social e equilíbrio. A maturação do complexo, segundo os autores, é formada pelo sistema nervoso, os sistemas endócrinos e o crescimento orgânico, abrindo possibilidades para novas condutas. A experiência, adquirida na ação efetuada sobre os objetos, pode ser física (serve para abstrair as propriedades dos objetos) e lógico-matemática (serve para conhecer o resultado da coordenação das ações).

As interações sociais, por sua vez, constituem o terceiro fator para o desenvolvimento mental. É vista como uma estruturação na qual o sujeito tanto contribui quanto recebe, deixando claro que, sem a interação social, não há possibilidade de estabelecimento de operações e cooperações entre o sujeito e o meio. Já o quarto fator trata da coordenação destes fatores, conhecidos como o processo de equilíbrio.

As teorias da aprendizagem, para Waal e Telles (2004), descrevem a forma pela qual uma pessoa aprende, podendo ser divididas em Behaviorista, Cognitivismo, e Construtivismo.

O Behaviorismo, ligado ao realismo (que entende que os objetos realmente existem independentemente de nós ou dos meios que utilizamos para conhecê-los), defende que a aprendizagem é a aquisição de novos comportamentos que se manifestam num quadro de respostas específicas a estímulos também específicos, onde a posição do indivíduo que aprende é passiva, quanto às respostas a estímulos (WAAL e TELLES, 2004).

O Cognitivismo, ligado ao realismo, entende que a aprendizagem ocorre através de um processo no qual as novas informações recebidas são relacionadas com informações já existentes na mente de quem aprende, e só depois disso são gravadas na memória. Diferentemente do Behaviorismo, o Cognitivismo vê novos comportamentos reorganizados nas estruturas cognitivas, mas apenas como indicadores dos resultados da aprendizagem (WAAL e TELLES, 2004).

O Construtivismo, por sua vez, está ligado ao idealismo (que afirma que a realidade existe apenas na mente do indivíduo). Defende que a aprendizagem é um processo pelo qual o indivíduo constrói o conhecimento, já que o indivíduo é considerado como um agente ativo de sua aprendizagem, que resulta em sua própria transformação. Criam-se interpretações do mundo baseadas em sua experiência anterior e suas inter-relações com outras pessoas. Neste sentido, os autores apontam que as condições favoráveis, criadas no ambiente de aprendizagem, facilitam o processo de aprendizagem (WAAL e TELLES, 2004).

Para Cruz (2007, p.26), conhecimento é “o entendimento obtido através da inferência realizada no contato com dados e informações que traduzam a essência de qualquer elemento”. O autor afirma que os dados e informações, com os quais entra-se em contato por meio dos sentidos, aumentam o nível de conhecimento na proporção direta do reconhecimento que os tais elementos tenham dentro do indivíduo. Absorvidos e entendidos, dados e informações aumentam continuamente o nível de conhecimento. Porém, qualquer informação só será entendida se o nível de conhecimento do indivíduo permitir, sendo por isso que se começa a aprender qualquer assunto pelas noções elementares e evolui-se aos poucos. Portanto, é dessa forma que o processo de aprendizagem se dá, para que se criem as bases para o conhecimento.

## **2.2. A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIALIZAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

A partir do momento que se entende o processo de aprendizagem, é importante que se destaquem questões que influenciam o aprendizado, sendo uma delas a socialização.

Para Piaget (2002), a visão do aluno como um receptor passivo supõe um isolamento intelectual dos aprendizes, defendendo que a aprendizagem não é uma atividade simplesmente individual, e que precisa da colaboração e o intercâmbio entre indivíduos. Diante disto, o autor defende a cooperação em grupo nas práticas educacionais como um processo ativo e fonte de iniciativa, onde o ponto de vista de cada um vai sendo enriquecido na diferença. Destaca, ainda, que a vida coletiva é indispensável para o desenvolvimento humano, defendendo o que chama de “comunidade de trabalho”.

Segundo Quinn, Anderson e Finkelstein (2000 apud HARVARD BUSINESS REVIEW, 2000),

O compartilhamento da informação é crítico, pois os ativos intelectuais, ao contrário dos ativos físicos, aumentam de valor com o uso. Sob estímulos adequados, o conhecimento e o intelecto crescem exponencialmente quando compartilhados. Todas as curvas de aprendizado e experiência apresentam essa característica.

Para Tanamachi e Meira (2003 apud MEIRA E ANTUNES, 2003, p.50) “a aprendizagem depende da socialização. O conhecimento é construído, transmitido e apropriado necessariamente na relação com os outros”.

De acordo com Fuks (2006 apud SILVA e SANTOS, 2006, p.369),

Na aprendizagem colaborativa, o aprendiz é responsável pela sua própria aprendizagem e pela aprendizagem dos outros membros do grupo. Os aprendizes constroem conhecimento através da reflexão a partir da discussão em grupo. A troca ativa de informações instiga o interesse e o pensamento crítico, possibilitando aos aprendizes alcançarem melhores resultados do que quando estudam individualmente.

O autor cita ainda algumas características da aprendizagem colaborativa, como: o estudo ocorre em grupo, o professor tem o papel de orientar, o aprendiz é um agente que transforma informação em conhecimento através da interação social, a aprendizagem é ativa e investigativa, ocorre discussão e construção do conhecimento e a ênfase é no processo.

Como visto até aqui, os autores coincidem em que a socialização é um fator decisivo para a aprendizagem dos indivíduos. Os pesquisadores deste artigo levantam a dúvida quanto à socialização virtual, em um tempo onde a Internet já forma parte da vida das pessoas ao redor do mundo. Será que a construção do conhecimento pode existir através das redes sociais virtuais, ou é simplesmente um meio de comunicação a mais?

## **2.3. AS REDES SOCIAIS E AS COMUNIDADES VIRTUAIS**

As redes sociais são uma forma complexa de relacionamento entre indivíduos, grupos ou organizações agrupados em torno de valores, crenças ou interesses comuns. O desenvolvimento das redes sociais ocorre a partir da interação e comunicação entre os participantes da rede, o que a configura como uma construção social (TOMAÉL, 2007).

Para Marteleto (2001, p.72), redes sociais são “um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”.

Downes (2005, p.411) aponta que “uma rede social é um conjunto de indivíduos ligados entre si por um conjunto de relações”.

Segundo Recuero (2005), uma rede social é composta por dois elementos: os atores (membros) e as relações que eles desenvolvem entre si.

A análise de redes objetiva investigar a formação das redes de conhecimento que surgem no interior da estrutura e que constantemente estão influenciando o comportamento dos atores da rede. Neste sentido, um componente importante da rede social são as comunidades, ou seja, os grupos de atores dentro das redes que compartilham informações e constroem o conhecimento (TOMAÉL, 2007).

As tecnologias da informação e comunicação têm proporcionado novas formas de redes sociais e novos instrumentos. Segundo Ugarte (2009) a internet potencializa o funcionamento da rede, funcionando como plataforma de auxílio.

Sendo assim, as redes sociais virtuais podem utilizar recursos diversos, tais como, *e-mails*, fóruns, *chats*, listas de discussão, *newsletters* e softwares sociais (*orkut*, *twitter*, *myspace*) (MACHADO e TIJIBOY, 2005).

A combinação de todos estes elementos no ciberespaço formam então redes de relações sociais, compostas pelas chamadas comunidades virtuais, que são definidas por Rheingold (1993) como “agregados sociais que emergem da Net, quando um número suficiente de pessoas realizam discussões públicas por um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço”.

No entendimento de Castells (1999, p.385) a comunidade virtual é “uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo”.

De todo modo as comunidades virtuais são ambientes baseados na internet de encontro entre indivíduos que interagem através da comunicação, gerando discussões públicas ao longo de um período de tempo, normalmente balizadas por conteúdo emocional.

Conforme aponta Recuero (2005, p.12), “a comunidade virtual é, assim, um grupo de pessoas que estabelecem entre si relações sociais, que permaneçam um tempo suficiente para que elas possam constituir um corpo organizado, através da comunicação mediada por computador”.

Deste conceito emerge a idéia de inteligência coletiva, visto que as comunidades virtuais são formadas por indivíduos de perfis variados que lidam diretamente com o conhecimento e sendo assim, “se você precisa de uma informação específica ou uma opinião de um *expert* ou a localização de um recurso, uma comunidade virtual é como uma enciclopédia viva” (RHEINGOLD, 1993).

Além disso, as comunidades virtuais funcionam também como filtros eficazes capazes de peneirar os dados que são úteis para cada membro da comunidade auxiliando com a sobrecarga de informação (RHEINGOLD, 1993).

Um ponto importante para a sobrevivência da comunidade virtual é a motivação de seus membros para se envolver e manter as discussões, caracterizadas pela assiduidade dos contatos e das interações (MACHADO e TIJIBOY, 2005).

Machado e Tijiboy (2005) apontam que na educação, o uso das comunidades virtuais é um campo ainda pouco explorado, porém promissor. Neste sentido, a próxima seção apresentará uma investigação sobre o tema, de modo a buscar maior compreensão sobre a relação entre as comunidades virtuais e a construção do conhecimento.

## 2.4. O PAPEL DAS COMUNIDADES VIRTUAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO

A transição da sociedade industrial para a sociedade do conhecimento traz consigo novos valores, sendo o maior deles a definição do conhecimento como o principal fator de geração de valor e fonte de riqueza (DAVENPORT e PRUSAK, 2003).

Na sociedade atual, o modelo inspirador da educação e da aprendizagem passa a ser a metáfora da rede e não mais a metáfora da máquina da visão mecanicista. Esta metáfora da rede foca-se em um ambiente de comunidade e na interação que ocorre entre seus membros, ao contrário do ambiente mecanicista onde o isolamento é o padrão sendo a solidão o contexto de aprendizagem (FIGUEIREDO, 2002).

Segundo Alves e Leite (2000), o conhecimento não se constrói de forma linear, mas a partir das múltiplas conexões e interações que os indivíduos realizam. Desta forma, a construção do conhecimento na sociedade atual pode se dar em espaços comunitários (FIGUEIREDO, 2002), que priorizam a cooperação e a colaboração (MACHADO e TIJIBOY, 2005).

Segundo Machado e Tijiboy (2005), nestes ambientes a interação é pré-requisito para a construção do saber, que eclode a partir do social e não do individual, o que traz implicações para o processo educacional.

Nos ambientes em rede, os alunos-nós-de-rede, membros de comunidades, sentem que a construção do seu conhecimento é uma aventura colectiva – uma aventura onde constroem os seus saberes, mas onde contribuem, também, para a construção dos saberes dos outros. E à medida que a aventura se renova, vão aprendendo que cada um vale, não apenas por si, mas pela forma como se relaciona com os outros – como com eles constrói o que nunca, ninguém, conseguiria construir sozinho. Vão aprendendo também que fazem parte, em simultâneo, de muitas comunidades, e que o que partilham com umas é, afinal, importante para o que partilham com as outras. Vão aprendendo que o seu próprio valor para uma comunidade depende, não apenas de si próprios, como seres isolados, mas também da forma como podem contribuir para ela pelo facto de pertencerem a outras. (FIGUEIREDO, 2002, p.2)

Assim, estabelecem-se as redes de aprendizagem que, de acordo com Brookfield (apud HARASIM, 2005), são grupos de pessoas unidas por um objetivo comum que trocam informações, idéias e conhecimento e desempenham atividades relacionadas à resolução de problemas e à criação de novas práticas ou novas formas de conhecimento.

Para Maciel (2002, p.5), “[...] (re)significar o processo educativo precisa ter como eixo a concepção de um sujeito que, em redes as mais diversas, estabeleça novas formas de contato e expressão no mundo e do mundo, não mais como consumidor das produções, mas como autor/produtor.”

O foco, nesta abordagem é realizar a gestão otimizada da tensão que emana das interações compreendendo as complementaridades como a verdadeira riqueza e contribuição para o conhecimento (FIGUEIREDO, 2002). Desta forma,

[...] o grande desafio da escola do futuro é o de criar comunidades ricas de contexto onde a aprendizagem individual e coletiva se constrói e onde os aprendentes assumem a responsabilidade, não só da construção do seu próprio saber, mas também da construção de espaços de pertença onde a aprendizagem coletiva tem lugar. (FIGUEIREDO, 2002, p.2)

Nesta nova perspectiva de atuação em redes, a aprendizagem se desenvolve por meio dos novos recursos e tecnologias: os conteúdos e materiais. Entretanto, na visão de Figueiredo (2002, p.2) mais que os conteúdos, os contextos é que irão determinar o maior enriquecimento

da aprendizagem no futuro. Em outras palavras, “a construção de saberes pelos próprios aprendentes, em ambientes ativos e culturalmente ricos – ambientes que raramente existem no contexto escolar [...]”.

Desta forma, os espaços virtuais de aprendizagem precisam conciliar os conteúdos com contextos de participação que possibilitem a busca do sentido e do significado, de modo a valorizar as interações e participações na comunidade, as tarefas e repertórios partilhados e a criatividade (FIGUEIREDO, 2002).

Neste sentido, convém observar que além das comunidades virtuais que podem ser oferecidas formalmente pelas instituições de ensino, os próprios alunos participam de comunidades virtuais por escolha pessoal - pertencentes às suas redes sociais pessoais - e é neste ponto que este trabalho se detém procurando investigar a existência de alguma relação da participação nestas redes sociais virtuais pessoais com o aprendizado e a construção do conhecimento.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia é o estudo sistemático e lógico dos princípios que permeiam as pesquisas científicas, tanto nas suposições básicas, como nas próprias técnicas de indagação (VERGARA, 2007).

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa descritiva quantitativa, onde através de questionários, tenta-se obter o ponto de vista da população pesquisada. Vergara (2007, p. 47) aponta que “a pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza”.

O principal objetivo da pesquisa foi investigar a relação entre as redes sociais virtuais e a transmissão de informação e construção do conhecimento em grupos de alunos de cursos de graduação da modalidade presencial.

O método de abordagem utilizado foi o indutivo, que, de acordo com Triviños (1987) é o mais utilizado pela pesquisa qualitativa, uma vez que parte do entendimento do fenômeno no todo a fim de buscar concordância com a teoria, buscando compreender o significado desse fenômeno para os envolvidos.

O principal objetivo da pesquisa foi investigar a relação entre as redes sociais virtuais e a transmissão de informação e construção do conhecimento em grupos de alunos de cursos de graduação da modalidade presencial.

Após a pesquisa bibliográfica, caracterizada por Vergara (2007) como o estudo sistematizado e disponível ao público em geral, foi realizada a coleta de dados (dados primários), por meio de questionários.

Conforme Mattar (2001), os dados primários são aqueles que ainda não foram coletados, e são procurados visando atender às necessidades específicas da pesquisa em andamento.

A escolha do questionário como instrumento de pesquisa deu-se em razão de proporcionar maior liberdade nas respostas, em função do anonimato, e ainda por poder ser aplicado em um ambiente da realidade virtual. O questionário era composto de perguntas abertas e fechadas e o pré-teste foi realizado com indivíduos com perfis similares aos sujeitos da pesquisa.

Os sujeitos de pesquisa foram alunos de cursos de graduação de uma instituição de ensino público, sendo que foi utilizada a técnica de amostragem do tipo não-probabilística e por julgamento, que garantiu a acessibilidade ao universo de pesquisa. Ao total, foram respondidos 50 questionários.

Por fim, vale ressaltar que esta pesquisa apresenta limitações que não permitem as generalizações dos resultados obtidos.

#### 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa contou com 50 participantes, todos alunos de cursos de graduação da modalidade presencial, dentre os quais 28 (56%) eram homens e 22 (44%) eram mulheres. A diferenciação quanto ao sexo serviu para constatar alguma possível diferença entre o comportamento masculino e o feminino quanto às redes sociais e a sua utilização, mas nenhum cruzamento de dados apresentou discrepâncias em relação ao comportamento e o sexo dos respondentes.

Quanto aos dados coletados sobre frequência de acesso à internet, foi diagnosticado que todos os respondentes acessam a internet diariamente, sendo que 20% acessa ao menos uma vez ao dia, 38% conecta-se várias vezes ao dia e 42% passa a maior parte do dia conectado.

Esta unanimidade, quanto ao acesso diário, nos mostra que estes graduandos vivem conectados à rede, e que a mesma já forma parte do seu dia-a-dia. Conforme se pensou no início, esta variável poderia ser um fator determinante quanto à utilização das redes sociais, mas constatou-se que, mais ou menos acessos diários à Internet, não mostraram nenhuma tendência quanto à utilização das redes sociais, nesta pesquisa.

Acreditou-se, também, que o local de acesso dos respondentes poderia ser um fator importante para a utilização das redes sociais. Dentre estes, a predominância de locais de acessos é a própria casa (64%), seguido do trabalho (30%) e, por fim, da faculdade (4%). Apenas 2% costumam acessar de maneira remota, através de redes wireless.

Constatou-se, na pesquisa, que independente do local de acesso, os universitários participam das redes sociais, desconsiderando a idéia de que exista alguma relação entre local de acesso à rede e a utilização das redes.

Os respondentes, seguidamente, foram questionados sobre as principais atividades realizadas durante o seu acesso à internet. A tabela a seguir resume as principais atividades apontadas pelos pesquisados:

Tabela 1 – Atividades realizadas online

Respostas	Frequência	%
Conversa com conhecidos	44	88%
Lê notícias	44	88%
Realiza pesquisas relacionadas às aulas da faculdade	41	82%
Realiza pesquisas não relacionadas às aulas da faculdade	35	70%
Lê livros e/ou artigos científicos	22	44%
Faz download de livros e/ou artigos científicos	20	40%
Outros*	11	22%
Participa de games virtuais	6	12%
Faz novos amigos	3	6%

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

\* Dentre as atividades apontadas como outros foram citadas: leitura de emails, atividades relacionadas ao trabalho e ainda atividades relacionadas a entretenimento, tais como, escutar música e realizar downloads.

As primeiras seis frequências da tabela evidenciam interação social e busca de conhecimento, ligado ou não, ao conteúdo acadêmico. Este resultado evidencia o aporte da internet para a construção do conhecimento dos universitários pesquisados.



Tentando aprofundar a análise sobre as atividades realizadas no meio online e a relação com os estudos acadêmicos, os pesquisados foram questionados sobre as suas interações neste sentido. Observou-se que 84% dos respondentes costumam contatar os colegas da faculdade através da internet quando surgem dúvidas relacionadas às aulas, sendo que as situações em que isto mais ocorre são apresentadas no quadro 1:

Compartilhamento de arquivos, trabalhos colaborativos.
Envio de e-mails, links, resumos e textos sobre temas relativos às aulas.
Reuniões de grupo via MSN.
Tirar dúvidas sobre datas, trabalhos, provas, conteúdos, entre outros assuntos das aulas.
Utilização do grupo de email da turma para tirar dúvidas.

Quadro 1 – Principais motivos dos contatos com os colegas da faculdade via internet

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Os dados apresentados no quadro 1 demonstram como a internet também colabora com a construção do conhecimento acadêmico, já que a maioria dos respondentes (84%) manifestou utilizar o meio online para lidar com assuntos referentes às suas aulas.

Dentre os colegas contatados, dando a opção de mais de uma resposta, 80% dos pesquisados costuma contatar com maior frequência seu grupo de amigos, 36% optam por contatar qualquer aluno da classe, 4% contatam também os professores e 2%, apenas, contatam o líder de classe.

Estes dados podem significar que o vínculo afetivo existente no meio tradicional é levado também ao plano virtual, já que a maioria dos respondentes apontou que o grupo principal de referência são as pessoas consideradas como do próprio grupo de amigos, deixando os colegas de turma, ou líder da sala, em segundo e terceiro planos.

Quanto à utilização de ferramentas de contato direto (síncrono), para a realização de trabalhos acadêmicos, a grande maioria, ou seja, 45 pesquisados (90%) utiliza ferramentas de diálogo através da internet, como por exemplo, MSN e Skype. Sendo que, destes, 21 (42%) utilizam estas ferramentas frequentemente, 21 (42%) utilizam ocasionalmente e 3 (6%) utilizam raramente.

Baseando-se neste último dado, pode-se afirmar que estas ferramentas de contato síncrono (ou de tempo real) são utilizadas como facilitadores da comunicação para fins acadêmicos, na maioria dos casos entrevistados, o que aproxima ainda mais a idéia de que as redes sociais virtuais contribuem para a construção do conhecimento.

Considerou-se relevante questionar aos entrevistados sobre a sua participação em fóruns, listas de discussão, comunidades virtuais; para discutir e trocar idéias sobre assuntos diversos. Observou-se que a maioria, 52%, ou 26 pesquisados, costuma participar. Sendo que, os principais motivos para acesso são a busca de: informação (74%), lazer (66%), novas amizades (12%) e atividades de trabalho (2%).

Uma vez mais a procura por informação se mostra como o fator principal para os respondentes. Pode-se afirmar que a procura pelo conhecimento é o que leva, principalmente, a participar de fóruns, listas de discussão, e comunidades virtuais.

Levando estes dados ao plano acadêmico, isto é, questionando os universitários sobre a participação em fóruns, listas de discussão ou comunidades virtuais, com o fim de discutir e trocar idéias sobre questões relacionadas às aulas da faculdade, percebe-se que o percentual de participação cai para 38%, relativo a 19 respondentes.

Embora esta queda no percentual, quanto ao aspecto puramente acadêmico, possa ser considerada negativa, 38% dos pesquisados ainda afirmam participar destas redes com este fim, o que mostra a viabilidade da utilização destes meios para fins educativos/acadêmicos.

Quanto ao processo de aprendizagem em nível geral, isto é, temas não diretamente ligados aos seus cursos, 26 (52%) respondentes, ou seja, a maioria, responderam que as

comunidades virtuais das quais participam não contribuem para o aprendizado, enquanto que 24 (48%) afirmaram que contribui.

Dentre os que responderam sim, foi indagado sobre de que forma ocorre o aprendizado. Os principais depoimentos são apresentados no quadro a seguir:

Através das discussões, às vezes sai uma nova legislação ou algo novo que ainda não tenho conhecimento, é uma forma de estar antenado com o que está acontecendo no meio acadêmico e, principalmente, no meio científico.
Através de filtros posso ler sobre aquilo que me interessa e aprender. Existe muito conteúdo interessante nas comunidades virtuais.
Através do compartilhamento de informações.
Contribuem com cases, resoluções, e trabalhos similares, além de muita informação sobre assuntos diversos. Mas principalmente, com casos semelhantes de problemas.
É um acesso fácil à informação, e que sempre me faz aprender sobre algum tema desconhecido.
Estou sempre buscando novas informações em algumas comunidades, isto faz eu crescer em conhecimento.
Fóruns, como para trainees; - Conhecimento acerca de eventos/ viagens - Diferenças culturais
Mais informações. Amplia conhecimentos. Insights. Outros pontos de vista
Nelas existem vários textos de interesse, notícias. Geralmente permitem filtro, o que faz que eu consiga encontrar aquilo que estou procurando dentro da própria comunidade virtual. Faço download de livros, revistas, entre outras coisas.
Novas informações, novos conhecimentos.
Obter informações em uma linguagem simplificada de diversos assuntos.
Participo de grupos de e-mail relacionados a algumas atividades fora faculdade, o que me ajuda a lembrar de eventos e saber o que os outros pensam sobre determinado assunto.
Pesquisas em geral.
Problemas similares que já ocorreram em alguma parte, e com a solução adotada naquele caso. - Experiência de outros da comunidade.
Quando tenho alguma dúvida sobre algum assunto às vezes as comunidades são mais eficientes do que o Google.
Troca de experiências e conteúdo, bibliografias e contatos.

Quadro 2 – Principais formas de aprendizado sobre temas gerais através de comunidades virtuais

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Estas citações demonstram aprendizagem através de exemplos de terceiros (estudos de caso), filtros do que seria realmente relevante, discussão e partilha sobre determinadas problemáticas e notícias, novidade e atualização de informações, entre outros. Este grupo parece realmente validar o que foi apresentado neste artigo quanto à socialização e o seu papel no processo de aprendizagem.

Embora a maioria tenha se manifestado de maneira negativa quanto à aprendizagem via estas ferramentas online, o percentual apenas corresponde a 2% dos respondentes, o que torna o assunto ainda questionável.

Levando esta questão ao plano puramente acadêmico, ou seja, perguntando aos respondentes se as comunidades virtuais das quais participam contribuem de alguma forma para o aprendizado sobre o conteúdo relacionado às aulas da faculdade, 33 (66%), ou seja, a grande maioria, responderam que não, enquanto que apenas 17 (34%) responderam que sim.

Aos que responderam sim, foi solicitado que apontassem como ocorre o aprendizado, sendo que os principais depoimentos estão descritos no quadro abaixo:

Acesso <i>up-to-date</i> a informações sobre o tema, amplo campo de possibilidades de leituras complementares.
Acredito que o desenvolvimento de habilidades interpessoais, constantemente citado em sala de aula, pode ser cultivado em comunidades virtuais. Além, comunidades online e fóruns também complementam fontes tradicionais de busca por informações.
Compartilhamento de informações e temas de interesse geral
Em caso de dificuldade de encontrar determinado conteúdo sobre algum tema, sempre há um colega que pode ajudar.
Envolve os paradigmas da educação num contexto mais amplo, onde a educação tem que ser vista como ferramenta de inclusão social e digital, diante dos fatores epistemológicos que envolvem o processo de aprendizado e , especificamente a educação/ ensino, enquanto ciência promotora do saber e do desenvolvimento. A psicologia educacional ou psicologia do aprendizado dão um respaldo significativo para a explicação dessas discussões.
Facilita o envio de material dos professores com os alunos.
Informações Debates – conhecimento. Considerações e ponderações que fazem pensar.
Muito do conteúdo que utilizo para fazer trabalhos acadêmicos são tirados da Internet. Muito deste conteúdo é encontrado nas próprias comunidades virtuais
Participo do grupo de e-mail da minha turma, o que ajuda a tirar dúvidas e lembrar atividades[...].

Quadro 3 – Principais formas de aprendizado sobre conteúdo relacionado às aulas da faculdade através de comunidades virtuais

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Embora seja a minoria que apontou existir aprendizagem em nível acadêmico via as comunidades virtuais, os motivos citados pelos respondentes parecem cabíveis a um processo de ensino-aprendizagem em simultâneo, onde o meio virtual auxilia o meio tradicional, como no envio de materiais, lembrete das atividades a serem realizadas, ajuda de colegas na resolução de problemas, possibilidade de leituras complementares, entre outros.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou buscar evidências sobre a relação entre a interação ocorrida entre os indivíduos nas redes sociais e o aprendizado e a construção do conhecimento.

De modo geral, o que se observou foi que a internet está presente no dia a dia dos estudantes de modo muito constante e que seu uso serve como apoio às tarefas do ensino presencial, facilitando o processo e, em especial, a interação com os colegas de classe.

Um dado que chama atenção é a importância apontada pelos pesquisados sobre os efeitos do compartilhamento de informações dentre a comunidade de alunos, o que demonstra o uso da comunidade virtual como um espaço de pertença, onde o estudante sente-se acolhido e à vontade para tirar dúvidas e trocar idéias.

Embora os resultados da pesquisa não possam ser generalizados, as evidências constatadas demonstram que é possível considerar-se o uso de redes sociais virtuais, através das chamadas comunidades virtuais, como forma de incentivar e contribuir para o aprendizado de alunos da educação superior.

Acredita-se, conforme estes resultados, que o ensino atual deve deixar de ser puramente linear, e passar a considerar o meio online como forma complementar de ensino-aprendizagem, visto que, ao que parece, os estudantes já o adotaram como um meio de busca de informações por excelência. Para isto, torna-se interessante que as instituições de ensino abracem esta modalidade ainda mais, incentivando o seu uso como meio de construção do conhecimento.

Sendo assim, para pesquisas futuras sugere-se que novas investigações sejam realizadas no sentido de buscar maior compreensão sobre o tema, em especial, inferindo-se

relações entre as áreas de concentração de diferentes cursos de graduação e o incremento ao aprendizado.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda; LEITE, Regina Garcia (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP& A Ed., 2000.
- AMARO, Deigles Giacomelli. **Educação Inclusiva: Aprendizagem e Cotidiano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- AURELIO, Dicionário do (Org.). **Definição da palavra Aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Aprendizagem>>. Acesso em: 30 jul. 2009.
- CARVALHO, Antônio Vieira. **Aprendizagem Organizacional em Tempos de Mudança**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**; v. 1, 3a. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- CRUZ, Tadeu. **Gerência do Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: E-papers, 2007.
- HARVARD BUSINESS REVIEW. **Gestão do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- DOMINGUES, Maria Aparecida. **Desenvolvimento e Aprendizagem: o que o cérebro tem a ver com isso?** Canoas: Ulbra, 2007.
- FIGUEIREDO, A. D. Redes e educação: a surpreendente riqueza de um conceito. In **Conselho Nacional de Educação (2002)**, Redes de Aprendizagem, Redes de Conhecimento, Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, ISBN: 972-8360-15-0, Lisboa, Maio de 2002.
- HARASIM, L. et al. **Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-line**. São Paulo: SENAC, 2005.
- MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A.V. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **Novas Tecnologias na Educação**. CINTED-UFRGS, V. 3 Nº 1, Maio, 2005.
- MACIEL, Ira Maria. Educação a distancia. Ambiente virtual : construindo significados. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 38-45, set./dez. 2002. Disponível em <<http://www.senac.br/informativo/BTS/283/boltec283e.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2006.
- MAGDALENA, Beatriz Corso, COSTA, Iris Elizabeth Tempel. **Internet em sala de aula: com a palavra, os professores**. Porto Alegre, Artmed, 2003.
- MARTELETO, R. M. Análise de Redes Sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (Orgs.). **Psicologia escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- MINAYO, M.C.S (org.). **Pesquisa social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 31-51.
- NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. Em: Minayo, M. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Vozes, Petrópolis. p. 31-50.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002
- RECUERO, R. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. In: **VIII Seminário Internacional de Comunicação**, 2005, Porto Alegre. Anais do VIII Seminário Internacional de Comunicação, 2005. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/seminario2005.pdf>. Acesso em: jul., 2009.

RHEINGOLD, H. **The Virtual Community**: Homesteading on the Electronic Frontier. Perseus Books, 1993. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/book/> Acesso em: 28 jul., 2009.

SILVA, M; SANTOS E. **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

STRATTON, Peter, HAYES, Nicky, Trad. Esméria Rovai. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1997.

TOMAÉL, M.I. Redes sociais, conhecimento e inovação localizada. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa científica em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UGARTE, D. **El poder de las redes**. Manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo. Disponível em: <http://www.deugarte.com/manual-ilustrado-para-ciberactivistas>. Acesso em: jul., 2009.

WAAL, Paula de; TELLES, Marcos. **Epistemologia, Teorias da Aprendizagem e Projeto Instrucional**. Disponível em: <<http://www.dynamiclab.com/moodle/mod/forum/discuss.php?d=438>>. Acesso em: 22 jul. 2009.